

CAPÍTULO XII

Capitalismo de Estado?

A QUEM SERVEM OS TECNOBUROCRATAS? Aos capitalistas de quem são assessores, afirmam alguns cientistas sociais que pretendem manter uma fidelidade a Marx, que ele próprio provavelmente dispensaria se estivesse vivo. Sem dúvida, nas formações sociais mistas, em que o modo de produção capitalista é ainda dominante, os tecnoburocratas ainda ocupam posição subordinada. Por isso servem aos capitalistas, sem deixar de servir a si mesmos. Sua independência, porém, é crescente. Seja ao nível das empresas privadas burocratizadas, seja principalmente no caso das empresas públicas e dos órgãos do governo. Nestes casos, é mais apropriado falarmos em uma associação entre capitalistas e tecnoburocratas. Quando, porém, nos deparamos com um modo de produção tecnoburocrático em que a classe burguesa tenha sido eliminada, conjuntamente com a propriedade privada dos meios de produção, a quem podem servir os tecnoburocratas, senão a si mesmos? Neste momento eles constituem a classe dominante, como já acontece na União Soviética. São os sucessores da burguesia. Apropriam-se da maior parte do excedente destinado ao consumo suntuário. Assumiram o poder político em sua plenitude, da maneira mais autoritária que puderam, mantêm firmemente seu controle sobre os meios de produção e usam estes dois instrumentos para se tornarem os beneficiários por excelência do sistema.

Como todas as classes dominantes na história, a classe tecnoburocrática — quando assume o poder em uma sociedade, seja através do con-

trole das forças armadas burocratizadas, seja através de partidos políticos burocratizados, e sempre também através de sua paulatina infiltração nas empresas e no Estado, ambos crescentemente burocratizados — passa a utilizar-se do sistema social em seu benefício. Procura gozar de todas as vantagens que o sistema oferece e trata de se perpetuar através de seus filhos. Para isto, como a herança tem pouco valor, a transferência dos privilégios dos pais para os filhos realiza-se através das oportunidades de educação e de ocupação de posições. A meritocracia e um complexo sistema de exames fazem parte da ideologia tecnoburocrática, funcionando como instrumentos essenciais de sua própria perpetuação.

É óbvio, portanto, que em uma formação social em que o modo de produção dominante é o tecnoburocrático, os tecnoburocratas só podem servir a si mesmos. Na falta de critérios para identificar o novo modo de produção, entretanto, insiste-se em continuar a falar em capitalismo. Fala-se, então, em termos muito imprecisos, na existência de um capitalismo de Estado e de uma burguesia de Estado. A União Soviética seria um caso de capitalismo de Estado. Se o problema for simplesmente de nome, se capitalismo de Estado significar um modo de produção em que a classe tecnoburocrática (ou a burguesia de Estado) controla o capital através do domínio burocrático sobre o Estado, nada temos a objetar. Observamos apenas que, nesse caso, a expressão capitalismo de Estado está sendo usada inadequadamente. Em sua acepção original, ela foi utilizada entre outros por Lenin,¹² e tinha sentido muito diverso. Capitalismo de Estado era o sistema capitalista de grandes empresas privadas sobre as quais o Estado exercia um grande controle. Lenin usava, como exemplo de capitalismo de Estado, a Alemanha dos Junkers e de Bismarck (ver nota 3). Tecnoburocracia parece-nos uma expressão muito mais feliz para caracterizar o fenômeno que estamos examinando. Podemos, entretanto, pretender usar o termo capitalismo de Estado para evidenciar a União Soviética, por exemplo, como um país em que o modo de produção dominante é capitalista. Apenas não haverá nesse capitalismo, nem a classe capitalista burguesa, nem propriedade privada do capital, nem apropriação privada do excedente através do lucro, mas apropriação do excedente via ordenados, nem haveria coordenação da economia através do mercado, mas pela

¹² Ver, a respeito, o trabalho esclarecedor de Leôncio Martins Rodrigues e Ottaviano De Fiore sobre Lenin e sua visão do capitalismo de Estado e da burocracia na sociedade soviética. (1975).

administração tecnoburocrática... Enfim, seria um modo de produção sem capitalistas nem relações de produção capitalistas. Esta posição é fruto de uma visão imobilista da história. Só pode ser explicada pela falta de imaginação de marxistas "ortodoxos" que, apegados a idéias que Marx hoje provavelmente não subscreveria, recusam-se a aceitar o surgimento de um novo modo de produção antagônico antes do advento do socialismo.

Quanto à expressão "burguesia de Estado" — sugerida por Charles Bettelheim a partir do momento em que se deu conta de que a revolução socialista fora fraudada na União Soviética — sua impropriedade é óbvia.¹³ Burguesia é uma classe social historicamente muito bem situada e definida. Curiosa também é a teoria segundo a qual nós teríamos, em um sistema como o soviético, a "burguesia de Estado", que estaria na cúpula do sistema e se apropriaria da maioria dos benefícios do sistema, e a burocracia, que serviria a essa burguesia de Estado. O único mérito desta idéia é nos fazer lembrar que os tecnoburocratas estão hierarquizados como é próprio das burocracias onde operam. E que, portanto, existem tecnoburocratas em diversos níveis na pirâmide burocrática. Mas não há por que distingui-los qualitativamente. Excluídos os trabalhadores, os artistas, os intelectuais, os estudantes, os demais são tecnoburocratas — são engenheiros, administradores, economistas, militares, funcionários, técnicos especializados — envolvidos na tarefa coletiva de gerir a organização burocrática. Que uns ocupem posições mais altas do que os outros é uma contingência estrutural do próprio sistema e reflete até certo ponto diferentes níveis de competência tecnoburocrática. **Mas não nos permite distinguir os tecnoburocratas de uma hipotética burguesia de Estado. Os tecnoburocratas assumem o controle dos meios de produção de forma coletiva e não de forma individual, como faziam os capitalistas. O tecnoburocrata é um homem da organização. O modo de produção tecnoburocrático é o sistema de organizações burocráticas modernas ou tecnoburocráticas.** Expressões como capitalismo de Estado, burguesia de Estado e mesmo

¹³ Afirma Charles Bettelheim, em sua tentativa de definir burguesia de Estado: "O conceito de 'burguesia de Estado' (ou de burguesia burocrática de Estado) não pode ser desenvolvido aqui. Digamos simplesmente que designa os agentes da reprodução social, exceto os produtos imediatos que — em face ao sistema de relações sociais existentes e de práticas sociais dominantes — têm a disposição dos meios de produção e dos produtos que pertencem formalmente ao Estado" (*Les Luttes de classes en URSS*, 1974, p. 41, nota 1. O autor apresentou anteriormente esta nomenclatura em *Lettres sur quelques problèmes actuels du socialisme*, 1970, p. 22 e 64).

capitalismo burocrático são principalmente inadequadas porque não nos ajudam a fazer a devida e necessária distinção com o capitalismo. Só há um argumento a seu favor. Torna-se ideologicamente mais fácil criticar esse modo de produção quando ele é identificado com o capitalismo. Mesmo sob esse ponto de vista, no entanto, parece-me melhor deixar bem clara as distinções entre o modo de produção capitalista e o modo de produção tecnoburocrático e em seguida criticá-lo com base em suas características específicas.¹⁴

Neste momento devemos fazer uma breve menção à crítica de Trotsky à burocracia soviética nos anos trinta e ao trabalho pioneiro e inovador do grupo que se reuniu em torno da revista *Socialisme et Barbarie*, publicada na França entre 1949 e 1965. Ambos têm uma contribuição importante para a análise das relações de produção na União Soviética, embora não tenham logrado chegar a uma conclusão satisfatória para o problema.

Trotsky, cuja contribuição para a revolução socialista e para a crítica da burocracia soviética é definitiva, encontrava-se nos anos trinta em meio a uma série de contradições que dificultam uma definição mais precisa da natureza das relações de produção na União Soviética. De um lado, negava firmemente que houvesse ocorrido a restauração do sistema capitalista na União Soviética, na medida em que os meios de produção continuavam nacionalizados e o sistema de planejamento fora mantido. Admitia apenas que havia uma “ameaça” de restabelecimento do capitalismo, caso aquelas conquistas se perdessem. O Estado, para ele, continua operário. O que teria havido seria uma “deformação burocrática” causada pelo retardamento da revolução socialista mundial e pela falta de forças ou atraso dos operários e camponeses soviéticos devido ao baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas naquele país. A deformação burocrática deu origem a uma “casta” de burocratas estalinistas. Trotsky usa a expressão “casta” porque não podia falar em classe, na medida em que não conseguia ainda definir as bases de um novo modo de produção.¹⁵ Era impor-

¹⁴ É curioso observar o caráter ideológico dos nomes empregados. Os socialistas, que não reconhecem o socialismo na União Soviética, tendem a usar a expressão “capitalismo de Estado”; já os capitalistas preferem falar em “socialismo de Estado”, para caracterizar aquela formação social.

¹⁵ Cabe assinalar que Trotsky nunca confundiu a burocracia com a burguesia. Isto fica muito claro no prefácio de *A Revolução desfigurada*, em que critica a burocracia por estar permitindo o surgimento de uma pequena burguesia especialmente no campo (1929, p. 10 e 11). Depois temos a repressão estalinista aos *kulaks*, e Trotsky não volta ao problema. Assinala, porém, a origem operária da burocracia: “Que a burocracia operária e

tante para Trotsky a afirmação de que o Estado continuava operário porque ele temia a restauração capitalista ao mesmo tempo que propunha e esperava uma nova revolução operária (Trotsky, 1938 e 1940). Quase quarenta anos depois, nem uma coisa nem outra aconteceram. A burocracia ou tecnoburocracia soviética permanece firmemente instalada no poder. Não podemos mais falar em uma simples e passageira deformação burocrática em uma sociedade socialista. Por outro lado, Trotsky estava correto em negar a restauração do capitalismo. Não nos resta, portanto, outra alternativa senão definir criticamente as novas relações de produção que se formam na União Soviética a partir do terrível estalinista.

O grupo de *Socialisme et Barbarie* teve como suas principais figuras Cornelius Castoriadis e Claude Leffort. Este grupo desenvolveu um trabalho notável de crítica socialista à União Soviética, denunciando como o marxismo e o socialismo haviam ali sido deturpados. Castoriadis, em seu trabalho de 1949 sobre *As Relações de produção na Rússia*, critica não apenas o estalinismo, mas, em outro plano, também Trotsky, porque este, embora se opusesse a Stalin e à burocracia estalinista e considerasse não-socialista a distribuição da renda na União Soviética, definia como socialistas as bases da sociedade soviética, em virtude do caráter estatal da propriedade dos meios de produção, da planificação da economia e do monopólio do comércio exterior. Castoriadis passa, em seguida a uma ampla análise em que demonstra que socialismo não deve ser confundido com estatização quando o poder sobre o Estado escapa aos trabalhadores. Na União Soviética Castoriadis demonstra como esse poder foi assumido pela burocracia; como o poder dos soviets foi atrofiado porque a raiz deste, a gestão operária da produção, não existia; como, ao se definirem novas relações de produção a partir da gestão da produção, definem-se também e automaticamente nova forma de repartição do produto social; como a burocracia se transforma em uma classe dominante, na medida em que dispõe completamente dos meios de produção e controla o Estado; como esta burocracia dita os salários em função das necessidades de acumulação e do seu consumo improdutivo.

a aristocracia operária constituem a base social do oportunismo, isto é conhecido nos velhos livros. Na Rússia, o fenômeno tomou novas formas. À base da ditadura do proletariado — num país atrasado — criou-se, pela primeira vez, nas camadas superiores dos trabalhadores, um poderoso aparelho burocrático elevado acima das massas, dando-lhes ordem, ligado por uma solidariedade coletiva interna e imprimindo à política do Estado os seus interesses particulares, e os seus métodos e os seus processos” (1932, p. 222).

Todavia, apesar desta brilhante análise, Castoriadis não consegue identificar as relações de produção específicas da União Soviética. Fala simplesmente em “capitalismo burocrático” e declara:

Pelo simples fato de que uma parte da população, a burocracia, dispõe dos meios de produção, uma estrutura de classes é imediatamente conferida às relações de produção. Nesta ordem de idéias, a ausência de ‘propriedade privada’ não desempenha qualquer papel; a burocracia, dispondo coletivamente dos meios de produção, tendo sobre estes o direito de usar, gozar e abusar (podendo criar fábricas, demoli-las, concedê-las ao capital estrangeiro, dispondo de seu produto e definindo sua produção), desempenha em relação ao capital social da Rússia o mesmo papel dos grandes acionistas de uma sociedade anônima em relação ao capital da mesma (1949, p. 251).

A afirmação é contraditória e imprecisa. Como a burocracia pode ser uma classe e continuarmos a ter capitalismo na União Soviética? Por outro lado, a comparação entre os tecnoburocratas e os acionistas de uma grande sociedade anônima é particularmente inadequada, porque os acionistas nesse caso não administram a empresa; são uma espécie de rentistas, de capitalistas inativos que aplicam seu capital na empresa em troca de dividendos; a direção efetiva da empresa no capitalismo monopolista cabe a um grupo de capitalistas ativos associados a tecnoburocratas ou administradores profissionais, cujo grau crescente de autonomia varia de empresa para empresa. Castoriadis também repudia a expressão “burguesia de Estado” em um trabalho posterior, porque “escamoteia o problema da burocracia” (1973, p. 315). E, no entanto, continua a pensar na existência de capitalismo na União Soviética. Poderíamos entender que, ao falar em “capitalismo burocrático”, esteja esvaziando o capitalismo de seu sentido específico e, portanto, possa estar se referindo a um novo modo de produção. Esta explicação, entretanto, não corresponde provavelmente a suas intenções. Parece-me mais acertado concluir que Castoriadis e o grupo de *Socialisme et Barbarie* não foram capazes de levar uma análise às suas últimas conseqüências, na medida em que não souberam dar um embasamento específico às novas relações de produção. Principalmente não foram capazes de identificar o papel da organização burocrática estatal como intermediária entre o conjunto dos tecnoburocratas e os instrumentos de produção e não reconheceram a forma específica de apropriação e repartição do excedente econômico através dos ordenados no novo modo de produção. Ao não identificarem estas características econômicas específi-

cas das relações de produção, foram levados a uma interpretação mais política do que econômica do problema. Claude Leffort, por exemplo, afirma:

“Isto põe em evidência uma *indeterminação* da burocracia, que nos parece ser a origem das dificuldades que encontra a teoria. A burocracia não é uma classe enquanto não é a classe dominante, e quando se converte em classe continua sendo, em sua essência, dependente da atividade propriamente política de unificação (1960, p. 256).

Fica claro, neste texto, a dificuldade teórica do autor em definir em termos econômicos as relações de produção que deram surgimento à classe tecnoburocrática.